

## A cegueira e a baixa visão na literatura infanto-juvenil

### Blindness and low vision in children's literature

DOI:10.34117/bjdv7n3-435

Recebimento dos originais: 17/02/2021

Aceitação para publicação: 17/03/2021

**Lívia Silva Viana**

Pedagoga, Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: livia.viana94@hotmail.com

**Alessandra Santana Soares e Barros**

Doutora em Ciências Sociais, professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: alssb@ufba.br

#### RESUMO

O artigo tem como tema central o retrato que é dado à deficiência visual na literatura infanto-juvenil do mercado editorial brasileiro. A pesquisa é de cunho qualitativo do tipo documental, e a investigação consistiu de uma análise de conteúdo. Para tanto, selecionou-se cinco obras literárias como *corpus* empírico de investigação. Foram elas: *A culpa é das estrelas*, de John Green; *Golpe de Vista*, de Vilmo José Palaoro; *Ímpar*, de Marcelo Carneiro da Cunha; *No beco do sabão* de Odette de Barros Mott; e *O rapto do garoto de ouro*, de Marcos Rey. A pesquisa se propôs a descrever as temáticas mais recorrentes em torno da deficiência visual na literatura infanto-juvenil; verificar se existiam incorreções conceituais na forma de retratar a deficiência visual; e identificar a compreensão da deficiência visual na literatura infanto-juvenil. Os resultados obtidos revelaram que os temas vinculados à deficiência visual referem-se a assuntos como: o que a causou a lesão; o lado negativo, vantajoso, ou cômico de ter a deficiência visual; os talentos compensatórios; o Sistema Braille; e, nas obras que são romances policiais, são os personagens com deficiência visual que ajudam a investigar o crime e a desvendar a trama. No decorrer das narrativas não foram identificados erros conceituais. A pesquisa revelou que a apresentação da deficiência visual na literatura infanto-juvenil ocorre de modo verossímil.

**Palavras-chave:** Deficiência Visual, Literatura Infantil-Juvenil, Análise de Conteúdo.

#### ABSTRACT

The central theme of this article is the portrayal of visual impairment in children's literature in the Brazilian publishing market. The research is of a qualitative nature of the documental type, and the investigation consisted of a content analysis. To this end, five literary works were selected as the empirical corpus of the investigation. They were *A culpa é das estrelas*, by John Green; *Golpe de Vista*, by Vilmo José Palaoro; *Ímpar*, by Marcelo Carneiro da Cunha; *No beco do sabão* by Odette de Barros Mott; and *O rapto do garoto de ouro*, by Marcos Rey. The research proposed to describe the most recurrent themes around visual impairment in children's literature; to verify whether there were conceptual inaccuracies in the way visual impairment was portrayed; and to identify the understanding of visual impairment in children's literature. The results obtained revealed that the themes linked to visual impairment

refer to subjects such as: what caused the injury; the negative, advantageous, or comical side of having the visual impairment; the compensatory talents; the Braille System; and, in the works which are detective novels, it is the visually impaired characters who help investigate the crime and unravel the plot. No conceptual errors were identified in the course of the narratives. The research revealed that the presentation of visual impairment in children's literature occurs in a believable manner.

**Keywords:** Visual Impairment, Children's and Youth Literature, Content Analysis.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo<sup>1</sup> apresenta como a cegueira e a baixa visão vem sendo retratada na literatura infanto-juvenil. Para a comunidade científica, apesar de existirem pesquisas com a temática da deficiência visual e literatura, decorrentes das seis últimas décadas, não se tem um vasto leque de estudos. As discussões em volta do assunto abarcam os textos literários desde a mitologia grega e a Bíblia, a romances e novelas, e alguns se especificam em obras escritas nos países de primeiro mundo. (TWERSKY, 1955; KENT, 1989; AMIRALIAM, 1997; MARTINS, 2006)

Twersky (1955) foi fundamental para a difusão de pesquisas sobre essa deficiência na literatura, em seu estudo, aponta-se que a primeira civilização a retratar a cegueira na literatura foi a população hebraica. No Brasil, Amiraliam (1997) realizou um resumo do estudo realizado por Kent (1989) e afirmou que os personagens cegos na literatura são tratados como se fossem pertencentes a uma classe específica, e os autores se esquecem de que esses sujeitos participam de meios e condições adversas. Outros autores brasileiros que investigam a literatura e a deficiência visual estudam especificamente obras nacionais (romances e contos), abordando o estereótipo, o símbolo e a constituição do sujeito cego. (GINZBURG, 2004; NOBRE, 2007) Ainda é possível citar aqueles que, sem especificações, ao tratarem das representações das deficiências na literatura infantil e juvenil, recaem sobre a cegueira. (KIRCHOF, 2008; DOWKER, 2013; BARROS, 2015)

A literatura tem uma grande importância em uma sociedade letrada, pois ela é capaz de gerar uma ampliação de conhecimentos de mundo, de experiências culturais, cognitivas, linguísticas; dissemina ideias, valores e conceitos, e é essa perspectiva que

---

<sup>1</sup> O presente texto corresponde a um recorte da pesquisa desenvolvida para o trabalho de conclusão de curso (TCC) "O retrato da deficiência visual na literatura infanto-juvenil do mercado editorial brasileiro" defendido no ano de 2016 na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, para o curso de Pedagogia, realizado pela autora Livia Silva e Viana, sob orientação da Professora Alessandra Santana Soares e Barros.

se dá a relevância deste estudo, visto que os livros são artefatos culturais, formadores de ideais e socializadores de morais, costumes e culturas. Identificar e analisar o que se tem escrito sobre a deficiência é de suma importância, em um período em que a diferença e inclusão está em pauta em diversos espaços sociais e políticos.

Sabendo-se que o valor que é dado a literatura é de grande peso, principalmente no ambiente escolar, e que de acordo com os dados do Censo 2010, no Brasil existem 23,9% pessoas com deficiência na população geral, e que, dentro desse coletivo, 18,6% declara ter deficiência visual (BRASIL, 2012), a questão norteadora do estudo é saber de que modo a temática da deficiência visual é abordada em obras literárias infanto-juvenis do mercado editorial brasileiro.

A importância do desenvolvimento desta pesquisa é necessária para colocar em relevo os modos que a deficiência visual é retratada na literatura, visto que esta atinge uma parcela significativa dos brasileiros. Além disso, a categoria literária escolhida geralmente é lida por sujeitos que estão vivendo um processo de formação intenso, que são as crianças e adolescentes, e, se as obras que são lidas rompem com os estereótipos e preconceitos, provavelmente irão possibilitar cidadãos mais esclarecidos e que respeitam as diferenças.

## 2 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é investigar as temáticas referentes à deficiência visual presentes em obras literárias infanto-juvenis do mercado editorial brasileiro. Os objetivos específicos são:

- a) descrever as temáticas mais recorrentes em volta da deficiência visual na literatura infanto-juvenil;
- b) verificar se há incorreções conceituais na forma de retratar a deficiência visual;
- c) identificar a compreensão da deficiência visual na literatura infanto-juvenil.

## 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de cunho qualitativo. Segundo Minayo (2004), o método qualitativo não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade.

Para tal metodologia, o importante é aprofundar a compreensão da natureza de um fenômeno das relações sociais.

Como modalidade a pesquisa é do tipo documental, devido às obras literárias<sup>3</sup> serem fontes de coleta de dados para a presente investigação, pois, de acordo com Fonseca (2002), a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico.

Esta investigação consiste em uma análise de conteúdo; portanto, seu procedimento de análise teve como norteador teórico metodológico as técnicas de análise de conteúdo segundo Bardin (2010). A escolha da mesma é devido à sua função heurística, que permite extrair informações nem sempre explícitas de conteúdos – neste caso, dos livros. A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, portanto, pode-se utilizá-la em objetos como diários, cartas, entrevistas, e inclusive obras literárias. De acordo com Bardin (2010, p. 44), a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que, embora parciais, são complementares.

Os indicadores citados são as menções que são explícitas de certo tema em uma mensagem, e que permitem quantificar as inferências presentes no texto. Bardin (2010), diz que a análise pode ser dividida em três momentos, são elas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados e interpretações.

Com base nos passos descritos pela referida autora em sua obra, realizou-se a pré-análise das obras na presente pesquisa, que consistiu na escolha das mesmas, bem como a formulação das hipóteses sobre elas, os objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentaram a exploração do material e suas interpretações. Neste sentido, o primeiro passo a ser realizado foi a leitura flutuante dos documentos, ou seja, o primeiro contato com os livros. Então, através da leitura, foi possível selecionar os documentos que iriam compor a amostra do *corpus* empírico de investigação que foram os livros: *A culpa é das estrelas* (2012), de John Green; *Golpe de Vista* (2009), de Vilmo José Palaoro; *Ímpar* (2010), de Marcelo Carneiro da Cunha; *No beco do*

*sabão* (1987), de Odette de Barros Mott; e *O rapto do garoto de ouro* (2005), de Marcos Rey. Estes deviam atender a critérios que gerassem uma certa homogeneidade entre eles, quais foram:

- d) As obras devem circular no mercado editorial brasileiro;
- e) Os livros devem ser infanto-juvenis;
- f) O livro deve conter algum personagem cego ou com baixa visão.

No momento de formulação das hipóteses e objetivos, foi necessário primeiramente criar as hipóteses para que futuramente, no desenvolvimento da análise, pudesse ser verificado se elas eram realmente existentes ou não, as hipóteses criadas foram:

- a) a deficiência visual não é mais atribuída a algum castigo divino;
- b) a deficiência visual é sempre compensada com outros dons/sentidos aguçados;
- c) a deficiência visual não é mais retratada de forma negativa nas narrativas.

Os objetivos foram a finalidade para qual a pesquisa foi realizada já expostos anteriormente. Depois foi elaborado os indicadores a partir dos índices e das hipóteses. Os indicadores foram:

- a) Quais termos são utilizados para referir a deficiência visual?
- b) A causa/origem da deficiência visual é referida na narrativa? Ela é congênita ou adquirida?
- c) A deficiência visual é abordada de modo negativo ou vantajoso?
- d) Na narrativa, há referência à mendicância?
- e) No enredo, existe referência a talentos/dons compensatórios para o personagem com deficiência visual?
- f) A deficiência visual é abordada de modo humorístico?

Na segunda etapa ocorreu a exploração do material, que é a aplicação das decisões tomadas na etapa anterior. E, na última etapa, que é o momento de tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, primeiramente foram tratados os resultados,

que podiam ser apresentados em forma de operações estatísticas, quadros de resultados, entre outros, que permitiram condensar e pôr em relevo as informações obtidas pela análise. Em seguida, diante dos resultados finais, foi possível interpretar e realizar inferências sobre os achados presentes nas obras.

#### 4 RESULTADOS

Os resultados receberam tratamento, saindo do seu estado bruto. Após cada tabela, serão discutidas interpretações sobre os achados. É necessário ressaltar que os dados encontrados são resultantes do conjunto dos cinco livros.

Tabela 1 – Quais termos são utilizados para referir a deficiência visual?

TERMOS	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	PORCENTAGEM EM RELAÇÃO AO NÚMERO TOTAL DE TERMOS
1. A deficiência	(02)	1,29%
2. Cego (a)	(76)	49,03%
3. Cegos (as)	(14)	9,16%
4. Cegueira	(03)	1,93%
5. Ceguinho	(08)	5,16%
6. Defeito	(01)	0,64%
7. Deficiência	(04)	2,58%
8. Deficiência física	(01)	0,64%
9. Deficiência visual	(03)	1,93%
10. Deficiente	(10)	6,45%
11. Deficientes da visão	(02)	1,29%
12. Enxerga um pouco	(01)	0,64%
13. Falta de visão	(02)	1,29%
14. Não enxerga	(01)	0,64%
15. Não enxerga bem	(01)	0,64%
16. Não enxerga direito	(02)	1,29%
17. Não enxergava	(01)	0,64%
18. Não enxergava muito	(01)	0,64%

19. Não enxergava quase nada	(01)	0,64%
20. Não olha quase nada	(01)	0,64%
21. Não vê tudo	(01)	0,64%
22. Não via direito	(01)	0,64%
23. Não via nada	(01)	0,64%
24. Nem vê direito	(01)	0,64%
25. Olhos arrancados	(02)	1,29%
26. Perder a visão	(02)	1,29%
27. Perder toda visão	(01)	0,64%
28. Perderei a visão	(01)	0,64%
29. Pouco de visão	(01)	0,64%
30. Problema com a visão	(01)	0,64%
31. Problema da falta de visão	(01)	0,64%

32. Sem a visão	(01)	0,64%
33. Vê um pouquinho	(01)	0,64%
34. Vejo um pouco	(01)	0,64%
35. Visão subnormal	(04)	2,58%
TOTAL	155	100%

Fonte: Aatoria própria

Como se pode visualizar na Tabela 01, existem 35 termos que são utilizados para se referir à deficiência visual nos livros. O mais recorrente é “cego(a)”, que aparece 76 vezes. Essa palavra é utilizada para falar da condição em que o personagem se encontra – como, por exemplo, em *A culpa é das estrelas*: “– E como está seu amigo Isaac? – Cego – respondi.” (GREEN, 2012, p. 95) –, ou como um adjetivo para o personagem, como se esse elemento fosse algo tão intrínseco em sua identidade que chega a ser inviável citar o nome do mesmo sem atribuir o adjetivo em seguida – como em *O rapto do garoto de ouro*: “– Oscar, o rapaz cego, que mora quase vizinho, ouviu quando o carro do raptor chegou [...]” (REY, 2005, p. 118)

Outro termo é “cegos(as)”, que aparece num total de 14 vezes nas narrativas analisadas. Quando essas inferências ocorrem, elas tratam as pessoas com deficiência visual como se fossem de fato uma classe, como se não existissem singularidades entre esses sujeitos. Pode-se identificar isso no livro *No beco do sabão*: “– Ouço bem, distingo os sons, as variações, meu ouvido é muito apurado. Todos os cegos têm os sentidos bem desenvolvidos com uma compensação da falta de visão” (MOTT, 1987, p.14). Sabe-se que essa condição de apuramento dos outros sentidos é bastante variável de uma pessoa com deficiência visual para outra, já que tudo depende dos estímulos que essas pessoas recebem.

Essa questão é abordada como um dos objetivos dos estudos realizados por Twersky (1955) que buscou entender porque a sociedade compreende que as pessoas com deficiência visual são uma classe, porque elas têm características estereotipadas atribuídas que as tratam como se fossem uma única unidade independente de suas singularidades. É perceptível que a literatura tem colaborado para esse ideal, Amiralian (1997, p. 29) também diz que:

Em síntese, pode-se dizer que, na maioria das vezes, os personagens cegos na literatura, no cinema ou no teatro são vistos como pertencentes a uma classe específica por causa de sua cegueira. Tem-se frequentemente esquecido que eles têm muito mais em comum com outras pessoas de idade, sexo e condição social semelhantes do que com outros cegos de condições diversas.

Na tabela também se pode notar a presença de termos depreciativos para com a deficiência visual, como “defeito” e “ceguinho”. O primeiro aparece apenas uma vez em todo o *corpus* empírico, e tem o sentido denotativo mesmo: “[...] Essa é uma de suas características que nem mesmo o defeito conseguiu tirar de sua personalidade, gostava de rir.” (MOTT, 1987, p. 28). Já o segundo, não se deve analisar de forma desvinculada do contexto: o termo “ceguinho” geralmente aparece quando, no enredo, o personagem com deficiência visual relata algum preconceito que foi vivenciado, como no livro *Golpe de Vista*.

Certa manhã eu estava sentado à minha mesa na fábrica quando entrou um camarada que foi se aproximando e perguntando sem a menor cerimônia: – Ô, ceguinho, faz favor. Eu preciso falar com o chefe. – Ah, sim – respondi, sem me alterar. – Pode falar. – Acho que você não entendeu. O chefe! Quero falar com o chefe. – O chefe sou eu. (PALAORO, 2009, p. 26)

Além disso, ao se tratar da baixa visão, existe uma grande variedade de termos utilizados, menos a mais popularmente conhecida – que é “baixa visão”. Há o termo “visão subnormal” e depois uma grande variedade, como “não enxerga bem”, “não enxerga direito”, “não enxergava quase nada”, “não olha quase nada”, “vê um pouquinho” e outros. Talvez esses termos tenham sido utilizados por causa do público para quem foi destinada a obra, mas essa não é uma justificativa relevante, já que os leitores não devem ser subestimados, independentemente de sua faixa etária. Outra hipótese é que os escritores talvez não tenham se preocupado ou não tenham sentido a necessidade em trazer palavras mais conceituais para retratar a deficiência visual.

Tabela 2 – A causa/origem da deficiência visual é referida na narrativa? Ela é congênita ou adquirida?

CATEGORIA	EXEMPLOS DE INFERÊNCIA	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	PORCENTAGEM DE ITENS PRESENTES
CONGÊNITA	Cega de nascença Nasci com má-formação do nervo óptico	(09)	69,24%
ADQUIRIDA	Não nascera cego Estava para ficar cego	(04)	30,76%
TOTAL		(13)	100%

Fonte: Autoria própria

Do coletivo de livros analisados, apenas uma obra não descreve o que causou a deficiência visual. Observa-se que, quanto mais recente é o livro, mais temos informações precisas sobre como se originou a deficiência visual. Provavelmente, isso é devido à maior facilidade de acesso a diferentes conteúdos através da *internet*, e pelo

fato dos autores estarem buscando consultorias científicas para desenvolverem suas narrativas como Green (2012). Têm-se dois exemplos, primeiramente no livro *No beco do sabão*: “– Você sempre foi cega? – Sim, não vejo nada. Nasci cega, atrofia de um nervo óptico” (MOTT, 1987, p.60). E agora o livro *Golpe de Vista*:

– Bom... Como você sabe, eu cresci com essa história de que teria nascido com má-formação do nervo óptico. Na verdade todos acreditaram nisso durante muito tempo. Talvez por falta de recursos... de informação... cidade pequena... tempos difíceis... medicina incipiente no lugar... sei lá... O fato é que ninguém se preocupou em questionar primeiro o diagnóstico. Depois, já adulto, ao precisar de alguns exames, descobriu-se que eu tinha um tumor que comprimira o tal nervo. Felizmente o tumor estava estacionado, mas os danos causados eram irreversíveis. Assim, descartou-se de imediato a possibilidade de uma cirurgia, de vez que nada poderia ganhar com ela. Recentemente, porém, comecei a ter dores de cabeça, tonturas e uma ligeira perda de visão, como você já sabe. Usei alguns medicamentos, mas, como tratamento, não resolveram. Só aliviaram um pouco. Fui ao oftalmologista, que depois de saber todo meu histórico, solicitou alguns exames, cujo resultado saiu hoje. Fui constatado que o tumor adormecido voltou a se manifestar. (PALAORO, 2009, p. 16)

Aqui, não se pretende realizar uma análise comparativa entre as obras, mas é válido evidenciar que existiu uma transformação na descrição do que causou a deficiência visual na escrita literária. Como é visível, Palaoro (2009) traz elementos mais detalhados do que originou a visão subnormal ao seu personagem. Já Mott (1987) é sucinta, não se delonga em descrever com tantos detalhes. Dowker (2013, p. 1055) nos diz que

[...] a falta de especificidade médica nesses livros tem o efeito de evitar tratamentos altamente improváveis e estilizados da deficiência. Por outro lado, também evita que o personagem com deficiência seja reduzido a uma condição médica específica.

Tabela 3 – A deficiência visual é abordada de modo negativo ou vantajoso?

CATEGORIA	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	PORCENTAGEM DE ITENS PRESENTES
NEGATIVO	(05)	41,66%
VANTAJOSO	(07)	58,34%
TOTAL	(12)	100%

Fonte: Autoria própria

Observa-se que não são tantas as inferências que tratam a deficiência visual de modo negativo ou vantajoso no coletivo dos cinco livros, visto que são narrativas que

contém uma boa quantidade de páginas. Um exemplo de abordagem negativa é esse trecho do livro *A culpa é das estrelas*:

— Meu nome é Isaac. Tenho dezessete anos. Parece que vou precisar ser operado em duas semanas, depois vou ficar cego. Não estou reclamando nem nada porque sei que poderia ser pior, como no caso de alguns aqui, mas, quer dizer, ficar cego é, tipo, uma droga. Ter uma namorada me ajuda. Além de amigos como o Augustus. — Ele balançou a cabeça na direção do garoto, que agora  
tinha nome. — Pois é... — continuou. Ele estava olhando para as mãos, os dedos cruzados parecendo o topo de uma tenda indígena.

— Não há nada que se possa fazer para mudar isso. (GREEN, 2012, p. 17)

Pode-se notar na citação a revolta do personagem em relação à sua futura condição. No decorrer da narrativa, ele continua se posicionando da mesma maneira, mas, aos poucos, vai se adequando à sua nova realidade. No oposto da negatividade vinculada à abordagem da deficiência visual, temos as condições de pretensa/suposta vantagem. Por exemplo, no livro *Ímpar*, o narrador personagem que, ao descrever um momento de constrangimento em meio a um grupo de mulheres, diz que seu amigo com deficiência visual não deveria estar se sentindo mal, devido a ele não estar vendo o que estava acontecendo: “Máqui, bom, ele não via nada mesmo, nem devia estar se sentindo muito mal. Mas eu via, e aquelas mulheres todas, um monte de coroa com cada cara!” (CUNHA, 2010, p.84). Ou seja, nessa condição que se encontrava, o melhor era não estar enxergando o que acontecia.

Tabela 4 – Na narrativa, há referência a mendicância?

FREQUÊNCIA ABSOLUTA	EXEMPLO
(03)	Nisso aproximou-se uma senhora, que foi logo me abordando com algumas moedas na mão. — Meu filho – disse ela, piedosa –, eu gostaria que você aceitasse esse dinheirinho. Não é muito, mas... — Pra quê? – perguntei, sabendo exatamente o rumo que a conversa tomaria. — Não... é que... bom... – gaguejou e finalmente criou coragem: – É que eu fiz uma promessa de dar dinheiro para uma pessoa necessitada. Assim... — Olha, tia – disse o vendedor, sem muito tato –, necessitado sou eu. Se assenhora visse o tamanho da casa que o meu amigo aqui está construindo, em vez de dar dinheiro a ele, tenho certeza de que lhe pediria algum. (PALAORO, 2009, p. 24)

Fonte: Autoria própria

Nos livros investigados, existem apenas três recorrências à mendicância, e todos esses momentos coletados fazem referência à mesma em forma de crítica, como no trecho acima exemplificado. Esse é um salto bastante qualitativo, visto que as primeiras representações da deficiência visual sempre estavam vinculadas a esse estereótipo. Então, atualmente, nas narrativas, existe uma preocupação em denunciar esse tipo de discurso, e também existe uma necessidade de mostrar que os espaços ocupados no meio social pelas pessoas com deficiência visual são dos mais variados.

Tabela 5 – No enredo, existe referência a talentos/dons compensatórios para o personagem com deficiência visual?

FREQUÊNCIA ABSOLUTA	EXEMPLO
(6)	<p>Ex. 1: [...] – Ué, talvez por isso mesmo; sempre ouvi dizer que os cegos têm um sexto sentido. (MOTT, 1987, p. 27)</p> <p>Ex. 2: — Ah — ele disse. — Pois é. As pessoas ficam me dizendo que os outros sentidos vão ficar mais aguçados para compensar, mas ISSO OBVIAMENTE AINDA NÃO ACONTECEU. Oi, Hazel do Grupo de Apoio. Chegue mais perto para que eu possa examinar seu rosto com as mãos e enxergar sua alma com mais profundidade do que qualquer outro ser que tenha o dom da visão. — Ele está brincando — disse a enfermeira. — É — falei. — Deu para perceber. (GREEN, 2012, p. 73)</p>

Fonte: Autoria própria

É visível que ainda existem inferências que abordam os talentos compensatórios na deficiência visual, como é recorrente desde a mitologia. Mas esses índices já não são tão frequentes como possível observar na Tabela 5.

E no segundo exemplo citado, essa condição é retratada de um modo reconfigurado: a temática é abordada como algo irônico/sarcástico, que chega até a ser cômico.

Essa nova perspectiva de retratar a temática da compensação é interessante, porque ela gerou um grande misticismo em torno da deficiência visual em nosso meio social. E agora, com essa nova roupagem, ela também contempla sujeitos com a deficiência e que nem por isso têm algo que foi compensado devido à sua condição.

Tabela 6 – A deficiência visual é abordada de modo humorístico?

FREQUÊNCIA ABSOLUTA	EXEMPLO
(12)	<p>Ex.: — Escuta aqui, eu caminho só. Você segue ao meu lado ou atrás, como se não houvesse nada comigo. Quero fazer a experiência, também não sinto vontade nenhuma de ser atropelada. Cega, bem, não há outro remédio, mas capenga, cadeira de rodas, seria demais não? E como sempre, ri. (MOTT, 1987, p. 28)</p>

Fonte: Autoria própria

Como é apontado por Twersky (1955), a deficiência visual também é apresentada de modo cômico. E existe recorrência dessa comicidade em quatro dos cinco livros. Através do exemplo dado, percebe-se que o humor presente é aquele “politicamente incorreto”, que usa de artifícios que diminuem uma outra classe para divertir o leitor, e isso também está presente em outras narrativas além da exemplificada.

Além dos indicadores elaborados para compor a análise de acordo com os princípios da análise de conteúdo, existe alguns outros elementos que devem ser aqui colocados. Por exemplo, o vínculo entre a temática da deficiência e os elementos divinos, que é inexistente nas obras. É algo que se difere dos estudos apontados por Dowker (2013) e Twersky (1955). Ou seja, não existe nenhuma inferência que a deficiência visual foi atribuída ao personagem devido a algum castigo divino, ou que ela foi aceita como parte de um plano superior, no conjunto de obras investigadas.

Também foi notório que, nas duas obras que são romances policiais, *O rapto do garoto de ouro* (2005), de Marcos Rey e *No beco do sabão* (1987), de Odette de Barros Mott, são os personagens com deficiência visual que ajudam a investigar o crime e a desvendar a trama. Esse elemento é apontado pela pesquisa de Barros (2015) e se ratifica nesta presente pesquisa. Além disso, na maioria das obras analisadas, existem referências ao Sistema Braille – algo interessante, pois este é um elemento que compõe significativamente o universo das pessoas com deficiência visual.

## 5 CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos, observou-se que os temas vinculados à deficiência visual na literatura infanto-juvenil são em torno de assuntos como: a causa da deficiência; o lado negativo ou vantajoso em ter a deficiência visual; a abordagem dos talentos compensatórios (tanto da forma que é recorrente na mitologia, como também em uma nova reconfiguração, em que esses talentos são abordados de modo cômico em alguns trechos dos livros); poucas abordagens à mendicância; a deficiência visual apresentada de modo cômico; nas obras que são romances policiais, são os personagens com deficiência visual que ajudam a investigar o crime e a desvendar a trama; e por fim, referências ao Sistema Braille vinculadas a imagem do personagem com deficiência visual.

Durante o processo de análise, foi investigado se existia algum erro conceitual na forma de retratar a deficiência visual. Isso não ocorreu, mesmo os autores tendo

uma liberdade literária em retratar os elementos da vida real de modo diverso nesse espaço ficcional. Além disso, foi notou-se que a compreensão da deficiência visual na literatura infanto-juvenil é abordada de modo verossímil, desde os termos que são utilizados para falar sobre a deficiência visual às causas possíveis que ela pode ser adquirida, bem como os elementos místicos em volta dessa deficiência específica e o Sistema Braille.

Com os resultados obtidos, foi possível confirmar apenas uma hipótese elaborada no início da pesquisa: a deficiência visual não é mais atribuída devido a algum castigo divino. Já as outras duas hipóteses – a deficiência visual era sempre compensada com outros dons/sentidos aguçados; e a deficiência visual não era mais retratada de forma negativa nas narrativas – não foram confirmadas no desenvolvimento da investigação.

Espera-se que as reflexões desta investigação venham a se tornar subsídio para as discussões sobre literatura e deficiência visual. É válido ressaltar que os presentes resultados encontrados visam colaborar para os estudos da crítica literária, da educação especial, assim como, para os leitores do nosso mercado editorial brasileiro e professores que utilizam a literatura nos ambientes educacionais formais e não formais.

## REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, FAPESP, 1997.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2010

BARROS. Alessandra Santana Soares e. Quarenta anos retratando a deficiência: enquadres e enfoques da literatura infantojuvenil brasileira. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação. v. 20, n. 60. jan./mar. 2015. p. 167-193.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Cartilha do Censo 2010: pessoas com deficiência. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.

CUNHA, Marcelo Carneiro da. Ímpar. 5ª ed. Porto Alegre: Editora Projeto, 2010.

DOWKER. Ann. A representação da deficiência em livros infantis: séculos XIX e XX. Trad. Edgar Roberto Kirchof. Porto Alegre: Revista Educação & Realidade. v. 38, n. 4. out./mar. 2013. p. 1053-1068.

FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

GINZBURG, Jaime. Cegueira e literatura. Aletria (UFMG), Belo Horizonte, v. 10/11, p. 53-64, 2004.

GREEN, John. A culpa é da estrelas. Tradução: Renata Pettengill. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

KENT, Deborah. Shackled imagination: literary illusions about blindness. Journal of visual impairment and blindness, 1989.

KIRCHOF, Edgar Roberto. O mito da diferença na literatura infantil contemporânea. In: GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; COENGA, Rosemar Eurico (org.). Literatura infantojuvenil e leitura: questões, reflexões e experiências. Rio Grande do Sul: Habilis Press, 2013.

MARTINS, Bruno Sena. E se eu fosse cego? Narrativas silenciadas da deficiência. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MOTT, Odette de Barros. No beco do sabão. 4ª ed. São Paulo: Atual, 1987.

NOBRE, Luciane, Aparecida. Personagens cegas na literatura brasileira: estereótipo e símbolo. Benjamin Constant (Rio de Janeiro), v. 13, p. 18-27, 2007.

PALAORO, Vilmo José. Golpe de vista. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atual, 2009. REY, Marcos. O rapto do garoto de ouro. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Global, 2005.

TWERSKY, Jacob. Blindness in literature: Examples of depictions and attitudes. New York: Alfred A. Knopf, 1955.